

Capacidade e Responsabilidade

Senhor Presidente do Conselho Geral da NOVA,
Magnífico Reitor,
Senhores Vice-Reitores e Pró-Reitores,
Senhores Diretores das Unidades Orgânicas da NOVA,
Senhor Provedor do Estudante,
Senhoras Administradoras da NOVA e dos SASNOVA,
Caros Diretores de Escolas,
Caras e caros Estudantes de mérito, suas famílias e convidados,
Minhas Senhoras e meus Senhores,

Nesta cerimónia de particular solenidade celebramos o mérito. O mérito dos nossos melhores estudantes, como é evidente, mas também de todos aqueles que, de uma forma ou de outra, permitiram que estes e estas fossem, como aqui certificamos, os melhores da sua geração.

Nesse sentido, gostaria de começar por endereçar as Diretoras e os Diretores de Escolas aqui presentes. O trabalho por vós desenvolvido naquela que é, seguramente, uma das fases mais desafiantes da formação da pessoa humana na sua plenitude, produziu os frutos a que aqui prestamos homenagem! A vossa dedicação, esforço, e compromisso para a construção de uma sociedade portuguesa mais habilitada, mais humana, e mais capaz foi a capacidade instalada que permitiu potenciar os talentos inatos que os melhores desta Universidade (assim como a própria Universidade, claro está) orgulhosamente souberam aproveitar. É um trabalho que nos vem do passado e nos projeta para o futuro, e que, não devendo cair no esquecimento, merece aqui o nosso reconhecimento. Senhoras e Senhores Diretores: os meus parabéns, e os desta casa que hoje vos acolhe!

Em segundo lugar, gostaria de falar às famílias e aos convidados destes nossos alunos e alunas. Estais aqui por uma razão: fostes a rocha sobre a qual os nossos estudantes construíram a sua vida. Fostes vós quem neles incutiu a noção de ética e a estrutura de valores morais que levarão consigo pela sua vida fora, e que lhes providenciaram o apoio nas situações em que esta nem sempre foi de feição. Se estas situações, sempre desafiantes, não os quebraram, também a vós tal se deveu. E porque também esse trabalho passa muitas vezes despercebido, confundindo-se inevitavelmente com o mérito dos que triunfam, aqui lhe prestamos o devido tributo. Por tudo o que fizeram até agora, o nosso obrigado, e a única coisa que nos permitimos pedir-vos é que possam estar sempre presentes, nos tempos bons e nos tempos maus.

E, porque à terceira é de vez, aos nossos estudantes. É preciso dizê-lo: os meus mais sinceros parabéns! Sendo orgulhosamente um aluno da NOVA e um membro ativo desta comunidade – que continua bem para além dos graus académicos – não posso deixar de olhar em volta e ver, nos vossos olhos e nas provas de valentia dos vossos corações que estes certificados atestam, o que de melhor Portugal tem. O vosso brio inspira-nos, ergue a nossa visão para horizontes mais vastos, e faz renascer em nós a esperança e a crença que os melhores dias da Humanidade ainda estão para vir!

Não foi há muito tempo que me sentei nas mesmas cadeiras que vós. Aliás, foi apenas há quatro anos. Um “filho” da NOVA SBE, confesso que não me imaginava na altura a fazer este discurso. Mas a honra – e a responsabilidade – caíram nos meus ombros e, consciente da árdua tarefa que seria corresponder às expectativas, fiz como sempre aqui me ensinaram: arregacei as mangas e fui à luta. Não digo isto para me auto-engrandecer (aliás, estou longe de ser uma autoridade), mas antes para vos transmitir que este modo de ser e de fazer não é indissociável do desta Universidade e das pessoas que nela conheceram: nesta casa e naqueles que nela habitam, capacidade e responsabilidade andam de mãos dadas, na certeza que, no espírito de

ajuda mútua e solidariedade, nos levantaremos uns aos outros, porque, quando um de nós ganha, ganhamos todos; e, quando um de nós perde, nos erguemos todos. O Presidente Franklin Roosevelt dizia que tudo aquilo que temos a temer é o próprio medo. Faço-vos, assim, um primeiro apelo: não tenham medo, nunca!

A vossa inteligência, trabalho, e mérito pessoal são hoje aqui celebrados. Diria mesmo que, nesta fase, são já inquestionáveis. Por isso, focarei o meu discurso nos benefícios que deles poderão extrair, e na responsabilidade que estes talentos comportam. Este é um ponto absolutamente crucial e acerca do qual não posso deixar de vos advertir, independentemente do quão curta seja a minha experiência. Sabem tão bem quanto eu a dureza das provas porque passaram: as noites que não dormiram, os esforços que mais ninguém viu, as dúvidas e incertezas sobre se o objetivo a que se propunham merecia todo o vosso empenho e sacrifício, tantas vezes à custa de outras prioridades. Essa é a parte do sucesso nunca retratada, a súpula de ações nunca aplaudidas, a biografia nunca escrita – exceto, talvez, nas rugas e olheiras que acumulamos debaixo dos olhos acesos com o fogo da paixão. Exibam essas marcas com orgulho: foram elas que vos fizeram sentar aqui. Este momento surge, precisamente, dessa procura incessante. Por isso, e só para o caso de ainda não vos terem dito... Sim, valeu a pena!

Pelo vosso trabalho e inteligência, ergueram-se a um novo patamar da condição humana e libertaram-se para poder escolher fazer do vosso futuro aquilo que bem entenderem. Conheceram novas pessoas, criaram novas relações, partilharam das mesmas dores e alegrias, e agora estais aqui. Coloca-se então a pergunta: o que fazer a seguir? Pois bem – do que aprendi até agora, eis o que vos posso adiantar.

Em primeiro lugar, nunca deixem de alimentar a vossa curiosidade. A diferença fundamental entre vós e os vossos colegas que não estão aqui sentados foi a paixão e a entrega com que aplicaram os vossos talentos, e a magnitude dos vossos esforços nunca teria atingido esta dimensão se não fosse guiada por uma incessante sede de conhecimento. Mais do que melhores alunos, invisto-vos agora Investigadores da Verdade, seres guiados pela curiosidade e pela busca última da Humanidade: o conhecimento. Os legados que estudaram e que vos foram deixados por aqueles que tiveram vidas extraordinárias e fizeram avançar a nossa espécie são agora vossos por direito, mas apenas sereis bem-sucedidos na medida em que fordes capazes de perpetuar esse legado.

Assim, encorajo-vos a cultivarem a curiosidade como um modo de vida. Einstein dizia que existem duas formas de olhar para a vida: uma é como se nada fosse um milagre, outra é como se tudo o fosse. A curiosidade é o que nos faz passar da primeira visão para a segunda. E, como nada nesta vida se faz sem amor, cito aqui o filme “Música no Coração”: Escalem todas as montanhas, corram todas as correntes, sigam todos os arco-íris, até encontrarem o vosso sonho. Um sonho que irá necessitar de todo o amor que conseguirem dar, durante toda a vossa vida, até esta terminar. Se aqui chegarem, já não estarão mal!

Na vossa busca, nunca percam o sentido de comunidade e de dever para com o próximo. Só em sociedade o Homem se concretiza plenamente, e só aí a busca intelectual de cada um encontra significado e aplicação. A esse título, gostaria de citar um adágio que, embora constando do Evangelho de São Lucas, não vejo como confessional: “Todo aquele a quem muito foi dado, muito será pedido, e, àquele a quem muito confiaram, mais contas se lhe pedirão”. Os talentos que desenvolveram nesta casa podem tornar a vida melhor para muitos mais: é vossa honra e privilégio tomar essa tarefa em mãos e, em conjunto com outros, torná-la realidade!

Permitam-me aqui fazer, a bem da minha consciência, uma ressalva: no que ao aspeto da comunidade diz respeito, a NOVA é, efetivamente, especial. O nosso Magnífico Reitor, aqui presente, uma vez disse que o que distinguia a nossa Universidade das outras é que, na NOVA, falamos uns com os outros – e isto é, efetivamente e cada vez mais, verdade. As sinergias que criamos quando nos unimos são muito maiores do que a soma das partes: os rankings assim o

comprovam. Incito-vos, portanto, a ser parte viva desta bela história com 40 anos, a envolverem-se, a serem *Alumni* ativos, e a partilhar com os que vêm aquilo que daqui obtiveram.

Relativamente à relação com o outro, deixo-vos ainda mais um desafio: num momento da Humanidade em que o debate intelectual, honesto e rigoroso é cada vez mais abandonado a troco de máximas populistas ou discursos de ódio por aqueles que procuram gerar divisão, é imperioso que aqueles que têm a força e a capacidade para lutar saiam da sua zona de conforto e intervenham na sociedade, fazendo ouvir a sua voz. Lembro-me que, aquando da invasão de Timor-Leste pela Indonésia, os Trovante compuseram uma música denominada “Timor”, cuja letra dizia “Se outros calam, cantemos nós!”. Na vossa vida, como se fez então, façam ouvir o vosso canto, e façam-no para bem e progresso da Humanidade!

Em terceiro lugar, e se me é permitida a linguagem: nunca deixem que os sacanas – aqueles e aquelas que, por formação pessoal ou falta de mérito, querem ocultar a luz da vela que os Investigadores da Verdade transportam consigo – vos mandem abaixo. Independentemente do quão fortes sejam, os momentos de incerteza e de fragilidade surgirão sempre. Ninguém é invencível perante a vida, nem os momentos de desilusão ou de tristeza são inevitáveis; mas há boas notícias! É que isso não implica que não se possa ser indestrutível – e é aí, nessa linha onde se arrisca e se pode perder, onde se coloca o amor e paixão e onde estes podem fracassar, que se traça a concretização das nossas visões. Lincoln dizia que a extensão da vida de uma pessoa se mede não pelos anos que a sua vida tem, mas sim pela vida que os seus anos têm. Eu digo-vos: por muito longas que possam ser as vidas de outros, a glória e a memória da Humanidade irão sempre para aqueles que concretizam as suas visões.

Acreditem em vós mesmos e nas vossas capacidades, unam-se e mantenham os vossos amigos bem próximos de vós para que o fogo da paixão permaneça aceso, ajudem o vosso semelhante, e a vossa visão concretizar-se-á. Procurem incessantemente a vossa voz – quanto mais tarde a começarem a procurar, mais dificilmente a encontrarão! E não percam tempo com parvoíces – vão atrás do que vos faz feliz, e o caminho trilhar-se-á a si mesmo. A vossa visão será como este certificado que vos é aqui e hoje dado: um reflexo da estrada atravessada com sucesso. E, se o fizerem com ternura e compaixão, quando falecerem – e esse momento, malgrado certamente, chegará – ocorrerá o inverso do vosso nascimento; porque quando nasceram, todos à vossa volta sorriam, e vocês choravam. Façam desta vida algo tão livre e belo que, quando falecerem, o vosso rosto sorria, e os que vos rodeiam tenham bons motivos para vos chorar!

Um repto final, que mais não é do que um realçar do que há pouco disse: numa altura em que o Mundo parece estar cada vez mais caótico, em que extremismos se insurgem contra extremismos, em que a Humanidade, no fundo, vira costas a si mesma, olhai para a bandeira da nossa – sim, nossa! – Universidade e leiam o mote que nela se encontra escrita: *Omnis Civitas Contra Se Divisa Non Stabit*. Toda a cidade contra si dividida não permanecerá. Olho para ele e para o seu profundo significado com fascínio desde o meu primeiro ano na NOVA. Este mote que apela à união, à solidariedade, e à construção do bem comum é um direito, mas também um dever e uma responsabilidade vossa para construir e fazer acontecer. Façam a vossa parte o melhor que souberem e, no que não souberem, voltem a esta casa, às suas memórias, e às pessoas com que contarão sempre, e procurem. Que não reste espaço para dúvidas: caminhamos juntos.

A todas e a todos, uma vez mais, os meus parabéns! A vida é um dom extraordinário, um belo poema em que cada um pode escrever um verso. Qual será o vosso?

Muito obrigado.

Diogo Nogueira Leite

Lisboa, 11 de maio de 2017